3ª MOSTRA DE CONHECIMENTO, CULTURA E ARTE E
15ª FEIRA DE CIÊNCIAS
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO | GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS
Desenvolvimento com Responsabilidade

COLÉGIO ESTADUAL DOM BOSCO - APARECIDA DE GOIÂNIA

USANDO LATAS DE LEITE EM PÓ OU DE SARDINHA E PAPEL SENSÍVEL À LUZ, GAROTOS REGISTRAM AS IMAGENS DO BAIRRO ONDE VIVEM, SOMANDO APRENDIZADOS DE QUÍMICA, FÍSICA, MEIO AMBIENTE E CIDADANIA. ENTUSIASMADOS, ALGUNS JÁ MOSTRAM UM TALENTO ESPECIAL PARA A FOTOGRAFIA

A imagem mágica que sai da lata

Lailson Duarte

Grupo observa latas que viram máquinas fotográficas para registrar imagens do Cerrado

Uma escola simples e pequena, instalada em uma rua sem asfalto de um bairro pobre de Aparecida de Goiânia, está mostrando que criatividade e vontade de aprender independem de condições financeiras. Latas de sardinha, de molho de tomate e de leite em pó se transformaram em máquinas fotográficas e o antigo depósito de gás do colégio, uma sala minúscula, virou laboratório de revelação.

Capitaneados pelo professor de História Raniere André Fernandes, cerca de 50 alunos do 6º ao 9º ano, com idades entre 10 e 14 anos, saem pelo bairro com suas latinhas para fotografar o mundo à sua volta. É o projeto Foto-Lata: Fotografando e Percebendo o Meio Ambiente do nosso Bairro.

O princípio é o mesmo da câmara escura: as latas ganham um orifício do tamanho de um furo de agulha e dentro delas é colocado papel fotográfico sensível à luz. Para tapar o pequeno buraco é usada uma espécie de porta de papelão. No momento de tirar a foto, os meninos abrem essa porta e deixam a luz entrar por determinado período, que pode variar de acordo com a luminosidade do dia ou com o tamanho do furo, do papel e da lata.

Se for uma lata de leite em pó, o tempo da abertura normalmente é de 5 segundos, mas se o aluno estiver usando uma lata de sardinha ele cai para 2 segundos, explica o professor Raniere André. "Um jacaré, dois jacarés, três jacarés...", repete o professor, mostrando a forma como o tempo é contado pelos meninos. É que a palavra "jacaré", explica, é pronunciada no período exato do segundo, evitando distorções na contagem do tempo.

TALENTO

Depois disso tudo é difícil duvidar da criatividade do grupo. Mas o projeto não para por aí. Fotos feitas na latinha, os alunos partem para a improvisada sala escura, onde não cabem mais que duas pessoas de pé. Lá os meninos manipulam os produtos químicos e revelam suas imagens em preto-e-branco.

O resultado não poderia ser melhor. Ao final do processo, eles acumulam noções práticas de física, de química, de meio ambiente e de cidadania. "Fotografamos a vegetação do Cerrado em volta do colégio e inevitavelmente surgem curiosidades que levam os alunos a pesquisar sobre as espécies", conta Raniere.

E, além de entender melhor a natureza, os estudantes do grupo começaram a reconhecer também seu próprio bairro, o lugar onde vivem. "Eles antes iam e vinham de suas casas sem perceber as coisas a seu redor", explica o professor.

O trabalho não vale nota, a presença não é obrigatória mas a sala fica repleta de alunos no dia das aulas do projeto, tamanho o interesse despertado. E alguns já começam a mostrar que têm um talento especial para a fotografia - atentam para o melhor ângulo, percebem melhor a luz e já estão ousando ao registrar suas imagens.

"No começo, a gente deixava entrar muita ou pouca luz e as fotos queimavam. Agora sai tudo direitinho", conta Djalma Gomes da Silva Júnior, 14 anos, aluno do 8º ano. O adolescente, que participa do projeto desde seu início, em abril, conta que vem descobrindo coisas fantásticas com o trabalho da escola. "Estamos conhecendo a cidade por meio da fotografia", explica Djalma, que sonha ser advogado. "Ou fotógrafo, quem sabe?"